

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director:
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 8451

Redacção e Administração: R. D. António Barroso 42-44
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

Amor de Deus...

Amor do Próximo...

Por A. ROCHA MARTINS

GERALMENTE afirma-se que a nossa época é de egoísmos e materialismo grosseiro.

Talvez a afirmação não seja totalmente destituída de fundamento se repararmos no homem ambicioso e prepotente que tudo condiciona ao seu bem económico.

No entanto, para sermos justos, não devemos fixar o olhar num só aspecto do problema mas, atentamente, examiná-lo em todos os seus pormenores.

E, sendo assim, não será difícil encontrar alguns exemplos de bondade, de generosidade, de verdadeiro amor do próximo que intrinsecamente envolve o amor de Deus sobre todas as coisas.

Nestes actos de humanidade cristã — por palavras e por obras — manifesta-se a justa compreensão do verdadeiro cristianismo e atende-se às necessidades gritantes de tantos miseráveis que, nem por isso, deixam de ser nossos irmãos.

Socorrer os necessitados é obrigação de todo o homem que não pode fugir à solidariedade que nasce da fraternidade universal. Doutro modo o homem nega-se a si mesmo, já que o seu problema é problema da humanidade.

Este socorro que pode não ir além duma palavra amiga mas que, do mesmo modo, pode levar o homem, como Martinho de Tours, a repartir o pão e a capa com o seu semelhante, é uma obra de cristianíssima misericórdia, tanto mais para enaltecer quanto mais raros são esses acontecimentos.

As comemorações do centenário de D. António Barroso promovidas, em boa hora, pelo Município Barcelense, deram ensejo a que a caridade — compêndio de toda a perfeição — fosse exercida, duma maneira discreta mas positiva, por algumas entidades. À essas entidades juntaram-se muitos homens que bem compreenderam o valor da esmola e se esconderam sob o anonimato certos que o bem nunca fica sem recompensa, ainda mesmo, quando parece, à vista dos homens, que não tem autor.

Estes exemplos de protecção à pobreza envergonhada; estas esmolos generosamente oferecidas aos que peregrinam de porta em porta estendendo a mão emagrecida em súplica de misericórdia — e, infelizmente, tantos são nesta terra — demonstram a beleza da misericórdia concretizada em actos dignos de todo o louvor.

O pobre, por mais andrajoso, agradecido ou ingrato, é nosso irmão e tem iguais direitos que fluem da sua natureza humana formalmente igual à nossa.

Temos, por isso, o dever de socorrer os pobres. É para notar que não nos podemos facilmente desculpar do cumprimento desta obrigação.

O supérfluo não é nosso mas é dos necessitados. Se o esbanjamos ou entesouramos praticamos, embora só materialmente, um roubo.

Felizmente que muita gente nesta terra trabalha para os pobres. É ver o cuidado, o amor com que as Vicentinas — Senhoras das mais ilustres de Barcelos — se interessam e sacrificam pelos desherdados, pelos pobrezinhos levando-lhes não só o pão que mata a fome, o vestido que os protege do frio, mas, essa esmola preciosa (quantas vezes a mais importante e apreciável!) do conforto moral, da palavra amiga, do conselho bondoso em horas de tribulação.

Que belo apostolado! Que bom serviço — serviço cristão — prestam estas Senhoras, cujos nomes omitimos para não ofender a sua modéstia, à Humanidade sofredora, aquela porção do género humano a quem Deus ofe-

(Continua na página 6)

A Grécia e Portugal ao serviço da amizade entre os povos

Por ANTERO NOBRE

AINDA não se apagaram de todo os últimos ecos da visita do heróico Marechal Alexandre Papagos, Primeiro Ministro da Grécia, ao nosso País, mas sem dúvida é possível já falar dos resultados dessa visita ou, pelo menos e recordando os actos e afirmações oficiais a que deu motivo, apontar o seu verdadeiro significado. É certo que a nota oficiosa que o nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros fez publicar na Imprensa diária, no próprio dia em que o nosso ilustre visitante se despedia de Lisboa, pôs já em merecido relevo aquele significado e falou igualmente daqueles resultados; mas também não é certamente extemporâneo ou despiciendo, chamar ainda agora, para aquela nota, a atenção dos portugueses para quem ela, por quaisquer circunstâncias, não se tenha à primeira vista apresentado em todo o seu valor ou tenha, até, passado despercebida.

Mesmo antes do ilustre estadista grego chegar a terras portuguesas, escrevemos nós algures, aliás apenas baseado nos próprios objectivos que o nosso Governo publicamente assinalou ao convíte que oportunamente lhe dirigira, que a visita do Chefe do Governo Helénico seria, primeiro do que tudo, uma bela manifestação de cordealidade e até de amizade entre dois povos com imensas afinidades, não só históricas e etnográficas, mas ainda ideológicas, estas a irmaná-los numa mesma aspiração e num comum trabalho de salvaguarda da civilização ocidental, de que ambos são gloriosos cabouqueiros e valorosos continuadores. E que assim foi, realmente, demonstraram-nos depois, à saciedade, para além das altas condecorações — as mais altas e mais valiosas dos dois países — trocadas em expressivas cerimónias, onde a cordealidade brilhou com mais esplendor do que a pragmática, — as significativas lembranças pessoais de que

(Continua na página 6)

As comemorações do 1.º Centenário do nascimento de D. António Barroso

(Continuação do número 245)

No Teatro Gil Vicente

Na tarde de sexta-feira, no nosso Teatro, houve uma sessão de conferências com a presença de alguns prelados.

Dois dos oradores inscritos — os rev.ºs cônegos Dr. Joaquim Valente e Dr. Bernardo Xavier Coutinho não compareceram, sendo substituídos pelos Rev. Dr. Pinho Brandão, Vice-Reitor do Seminário de N. S. da Conceição, do Porto e pelo rev. cônego A. Meireles, da diocese da Guarda.

O primeiro orador da sessão foi o Rev. Dr. Pinho Brandão que fez um longo mas bem alicerçado discurso, sobre as missões e o cristianismo em Portugal, terminando,

depois duma larga biografia de D. António Barroso, por pedir, em sinal de desagravo da memória do que «foi grande Português e Bispo do Porto» que seja restituído à diocese do Porto o extinto seminário dos Carvalhos.

Seguiu-se-lhe o Rev. Marcelino da Conceição que depois de se referir com eloquência à vida e obra de D. António Barroso, apoiou o pedido do Dr. Pinho Brandão e disse, a terminar:

«E, para que fique bem patente o espírito religioso e patriótico deste Congresso, sob a égide da memória santa do Grande Barroso, ele que aprendeu a querer como o Alcaide de Faria, nós todos saudemos

PERTENCE-ME a mim dizer as últimas palavras, palavras que serão poucas para dizerem tudo o que foi a vida de D. António Barroso — uma lição heróica, de virtudes e de acções.

A sua vida resumiu-se nisto: ao Serviço de Deus, ao Serviço da Pátria!

Estas comemorações — salientou — terminaram em esplendorosa apoteose. Foram a melhor exaltação à figura de D. António Barroso.

Reuniu-se aqui a Igreja e o Estado para exaltarem Aquele que foi filho de ambos, e, sendo filho da Igreja e do Estado, foi também glória da Pátria.

E a voz mais alta da Igreja foi a de Sua Eminência o Senhor Cardeal de Lourenço Marques cuja púrpura cobre de glória todo o Ultramar português, e no esplendor da púrpura que o Senhor D. Teodósio Gouveia veste, reflectem-se os trabalhos, o triunfo e os êxitos de D. António Barroso. A palavra mais alta do Estado foi a do Senhor Ministro do Ultramar.

Referiu-se depois ao nosso Governo que com mão firme dirige por mares de novo encapelados, onde se adivinha a tempestade, lá para os lados do Oriente, a nau da nação portuguesa que contém oito séculos preciosos da nossa História.

Sublinhou depois: No sopé do monumento, lêem-se estas palavras: «Dilatando a Fé e o Império». Esta frase é, só por si, o resumo da vida de D. António Barroso — é eloquente resumo da História de Portugal. A sintetizar o esforço lusiada em terras de além mar, disse Sua Eminência:

A colonização portuguesa não é como a de outros países — colonização de exploração — porque nós levamos aos povos ultramarinos muito da nossa alma, muito do nosso ser. Naquela África Negra, cristianizada por nós, eu bejei, quando a percorri, a alma branca e cristã de Portugal ali bem patente aos olhos de todos. Estas comemorações constituíram um apelo e uma consagração — um apelo à sua juventude e a Portugal, para que tomem a consciência das suas responsabilidades no Mundo. Não podemos esquecer que trazemos sobre nós o peso de todas essas nações gentílicas que chamamos para se sentarem à nossa mesa cristã.

Quando partiu de Remelhe, D. António Barroso era uma criança obscura. São os grandes ideais que fazem os grandes homens. Exemplo: D. António Barroso, glória de Portugal, glória da Igreja, glória do Mundo.

Honrou-se Barcelos, promovendo esta comemoração centenária, e render homenagem à virtude, render homenagem ao mérito, prostarmo-nos perante a memória deste pioneiro missionário, é enobrecer-nos a nós. E esta comemoração resume-se em duas palavras: Amor da Igreja; Amor da Pátria».

(Palavras de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa no final da missa que celebrou na Igreja Matriz).

AGRADECIMENTO LAGAR DE AZEITE

A Câmara Municipal de Barcelos e a Comissão de Festas para as Comemorações Nacionais do 1.º Centenário do Nascimento do Senhor D. António Barroso, cuja memória havia tão justamente de ser evocada e exaltada na sua gloriosa lição missionária, como Bispo do Porto e sublime Apóstolo da Caridade e do Bem, vêm expressar por este meio, o indelével e profundo reconhecimento pela colaboração que receberam de todas as entidades da Igreja, Autoridades Cívicas, Militares, Organismos Católicos ou oficiais, restantes comissões constituídas, colectividades ou empresas e ainda de toda a população deste concelho e de outros, que assim tão devotadamente contribuíram por forma a estabelecer-se um ambiente de harmoniosa grandiosidade com especial projecção e relevo continental e ultramarino.

O significado e brilho das justíssimas homenagens que Barcelos acaba de prestar em íntima e perfeita união com as mais insígnies figuras da Igreja do Continente e do Ultramar, do Governo da Nação e com as mais qualificadas entidades do distrito de Braga, Porto e de outros pontos do País, legam à história de Remelhe, à de Barcelos e à de Portugal, uma das mais belas páginas evocativas do sentido missionário lusitana nas nossas províncias ultramarinas e no Mundo e atestam o real valor das acrisoladas virtudes do Santo Bispo Dom António Barroso, que em doação completa consumiu todos os seus dons e talentos ao serviço de Deus e da Pátria conquistando terras e súbditos, convertendo muitos milhares de almas que fiéis a Portugal nos afirmam a integridade e condição de continuarmos a ser um Povo de gloriosa tradições, digno e à altura da preciosa herança espiritual e do vasto património herdado, enobrecido pelo sentido civilizador cristão, como desde há séculos nenhum outro igualou.

o Papa Pio XII, o Papa das Missões, saudemos os nossos Bispos; saudemos o nosso Governo; saudemos, erguendos, os portugueses da nossa Goa e gritemos bem alto, como eles junto do túmulo de S. Francisco Xavier e nós junto da estátua de Barroso: «Viva Portugal sempre de Deus e Viva Deus sempre de Portugal, desde o Minho até à Índia!»

Fez então uso da palavra, encerrando a sessão o Rev. cônego António Meireles, do Cabido da Sé da Guarda que também exaltou a memória do Grande Missionário.

À Noite

No mesmo Teatro, à noite, realizou-se uma sessão solene missionária, com a presença dos Senhores Cardeais, Arcebispos, Bispos, autoridades e outras pessoas de representação. Foram oradores o Senhor D. Daniel Junqueira, Bispo de Nova Lisboa que representava o Senhor Arcebispo de Luanda e a província de Angola que dissertou sobre a figura de D. António Barroso e o problema missionário na África portuguesa com projecção no mundo e, extra-programa, o Senhor D. Abílio Vaz das Neves, Bispo de Bragança que usou da palavra para evocar, especialmente, a acção de D. António Barroso, como Bispo de Meliapor.

A Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, sob a regência do maestro Ino Savini, executou em seguida o anunciado concerto, conforme o programa que publicamos oportunamente, sendo muito aplaudida.

As cerimónias de sábado

O mau tempo, com vento ciclónico e chuvadas contínuas,

não permitiu que o programa do dia fosse cumprido integralmente.

Assim, não se pôde fazer a concentração no Largo do Município dos Organismos da Acção Católica, Cruzadas, Escolas, Seminários, Congregações e outras Ordens Religiosas da Arquidiocese de Braga, Diocese do Porto e outras Dioceses do País.

Por igual motivo, também não se celebrou a missa, no Largo do Município, junto ao monumento do Senhor D. António Barroso, para comemorar o Dia da Juventude e dos Organismos da Acção Católica.

Na Igreja Matriz

No altar-mor da Igreja Matriz o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, celebrou a missa, acolitado pelos Rev.ºs Rios Novais, arcepreste substituto e pároco de Martim.

Serviram de ministros da mitra e do báculo os Reverendos Areias da Costa, pároco de Vila Seca e Bonifácio Lamela, director do Circulo Católico e os Rev. Alfredo Rocha, Prior da cidade e Rev. Veloso, fámulo do oficiante, também prestaram a sua colaboração.

Ao lado da Epístola sentaram-se, em cadeiras, o bispo de Limira e o bispo-Auxiliar de Aveiro e do lado do Evangelho, o Snr. D. Ernesto Sena de Oliveira, arcebispo-bispo conde de Coimbra. No transepto tomaram lugar as entidades oficiais, representantes das Ordens Religiosas, Casas de Assistência e outras pessoas de representação.

A vetusta Colegiada estava repleta de fiéis, especialmente de elementos da Acção Católica.

Ao Evangelho o Senhor Arcebispo Primaz pronunciou

uma brilhantíssima homilia que na impossibilidade de a podermos reproduzir na íntegra, dada a sua extensão, publicamos um excerto em lugar de honra.

Na sua eloquente homilia, o nosso venerando prelado prestou comovida homenagem a D. António Barroso — grande sacerdote e grande patriota — e fez judiciosas considerações acerca da obra altruísta das missões. Dirigindo-se aos jovens da acção Católica apontou-lhes o caminho da vida missionária.

A comunhão centenas de pessoas abeiraram-se da sagrada mesa e, no final da missa, a multidão, num coro impressionante entoou o hino «Cloristus Vinat».

Uma lápide

Findas as cerimónias da igreja matriz, os Prelados, autoridades e os convidados presentes, debaixo de chuva e em cortejo encaminharam-se para junto do monumento a D. António Barroso.

Nesse local, depois de breve recolhimento espiritual o Senhor Arcebispo Primaz procedeu ao descerramento duma lápide em bronze que lembrará, aos vindouros, estas comemorações nacionais.

De tarde

No Teatro Gil Vicente, de tarde, realizou-se uma sessão de estudos a que assistiram alguns prelados. O primeiro orador foi o Rev. Cônego Doutor Martins Gonçalves, de Braga que, com muito brilho se ocupou do problema missionário e da necessidade da sua rápida solução. Em substituição do Rev. Olavo Teixeira Martins, Provincial da Congregação do Espírito Santo, usou depois da palavra o Rev. António Brasília, da mesma congregação que terminou o seu brilhante discurso de exaltação da vida missionária, fazendo vários votos entre os quais, como homenagem à memória do grande Bispo, a criação dum seminário em Barcelos com a denominação de D. António Barroso.

Falou em seguida, com entusiasmo e eloquência, em nome da mulher portuguesa, a Snr.ª D. Maria José Novais que versou especialmente os deveres da mulher como mãe e como rapariga na cooperação missionária da obra de evangelização ultramarina. Encerrou a sessão o Senhor Arcebispo Primaz que se congratulou pela forma como de-

Na Quinta de Santa Maria, em frente à cadeia, o Lagar de azeite já se encontra aberto para fabricar a azeitona da presente safra.

As instalações agora modernizadas encontram-se com novas prensas hidráulicas de muito mais perfeito funcionamento, garantindo assim um rendimento maior.

Pede-se aos Snrs. Lavradores o favor de marcarem a sua vez, a fim de serem atendidos na altura desejada.

Em BARCELOS

Visite V. Ex.ª, no edifício do Turismo, a

ESPLANADA DO CÁVADO

Salão de chá e excelente serviço de Restaurante.

EXPLORAÇÃO DA CONCEITUADA CONFEITARIA

«BENAMOR», de Braga

Vida Desportiva

Gil Vicente, 4 — Vianense, 2

No Campo A. Ribeiro Novo, no último domingo, o Gil Vicente, derrotou-se com o S. C. Vianense.

A primeira parte terminou por 0-0 mas ambos os grupos desperdiçaram várias oportunidades de marcar.

No início da segunda parte, ainda não tinha decorrido um minuto de jogo, Arménio, de maneira imparável, marcou o primeiro golo do Gil mas, decorridos dois minutos os visitantes, numa jogada confusa, estabeleceram o empate.

O grupo local não desanimou e procurou a todo o transe a vitória. Os seus esforços não foram infrutíferos e aos 15, 17 e 20 minutos deste tempo, por intermédio de Gelucho, Alcino (na marcação dum livre) e Gelucho puseram o resultado em 4-1.

Nessa altura o grupo visitante desorientou e esteve na eminência de sofrer mais tentos.

Depois procuraram reduzir a diferença o que conseguiram, marcando o seu segundo ponto aos 37 minutos.

O jogo, um bom jogo do actual campeonato, foi disputado com entusiasmo e correcção e teve a

Bodo aos pobres

No passado sábado, 13 do corrente, de tarde, pela Santa Casa da Misericórdia, foi distribuído o anunciado bodo aos pobres, integrado nas comemorações do centenário de D. António Barroso.

O bodo que beneficiou um número apreciável de pobres, consistiu de bacalhau, batatas e pão de milho.

Anunciem no

Jornal de Barcelos

presenciá-lo uma grande assistência.

O Vianense deixou boa impressão e a arbitragem do Snr. Francisco Guerra, do Porto, foi imparcial.

O Gil Vicente, alinhou: Augusto; Seródio, Eduardo e Valdemar; Nolito e Boavista; Arménio, Gelucho, Arantes, Alcino e Senra.

De manhã, no Campo Adelino Ribeiro Novo, o Gil Vicente (reservas) venceu o Sporting C. de Braga (reservas) por 3-0.

correram os trabalhos, felicitou os oradores e lançou a bênção apostólica.

À noite

No Teatro Gil Vicente realizou-se a sessão de encerramento do Congresso Missionário para o que veio expressamente de Lisboa o Ministro do Ultramar, Snr. Comandante Sarmento Rodrigues, que se fazia acompanhar do seu chefe de Gabinete Snr. Doutor Vasco Nunes da Ponte.

No Largo Dr. Martins Lima onde o esperavam as entidades oficiais, à sua chegada, a banda de música do Regimento de Infantaria N.º 6 fez-se ouvir nos primeiros acordes do hino nacional. Após ter recebido os cumprimentos das individualidades presentes deu entrada no Teatro precedido dos Senhores Cardeais Patriarca de Lisboa e de Lourenço Marques e seguido dos prelados e autoridades civis e militares onde a assistência,

de pé, lhe dispensou calorosa manifestação de simpatia.

No palco tomaram lugar, em tronos colocados ao fundo os Snrs. Cardeais de Lisboa e de Lourenço Marques. À direita do Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, os Senhores Ministro do Ultramar, Governador Civil de Braga, Arcebispo-Bispo-Conde de Coimbra, Bispos de Limira e de Bragança, Presidente da Câmara de Barcelos, Presidente da Junta de Província do Minho, Governador Civil do Porto e Representante do Município portuense. À esquerda do Senhor D. Teodósio Gouveia, os Snrs. Arcebispo Primaz, Comandante da 1.ª Região Militar, Arcebispo de Cízico, Presidente nacional das obras Missionárias Pontificias que chegou à noite; Vice-Reitor da Universidade de Coimbra; Chefe do Departamento marítimo do Norte e Presidente da Câmara de Braga.

(Continua no próximo número)

Pataias
CIMENTO PORTLAND

O cimento usado nas obras de grande responsabilidade:

A nova Ponte de Santa Clara, em Coimbra — A Ponte sobre a Foz do rio Sousa — O novo Liceu Nacional de Aveiro — O novo Reservatório de Águas de Aveiro — A Igreja de S. João de Deus, em Lisboa — O muro de Suporte da Gibalta e o Liceu de Oeiras,

entre muitas outras obras, atestam as altas qualidades de resistência, robustez e belíssimo aspecto do CIMENTO PATAIAS

Agente em Barcelos: **CASA COELHO GONÇALVES**



Mundanismo

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje — As Snr.^{as} D. Zulmira Rebelo Ferros, D. Adelaide Lemos, o Snr. Dr. Joaquim Furtado Martins e a menina Maria Fernanda Mendes de Sousa Basto.

Amanhã — Os Srs. Avelino Afonso Roriz Pereira e António Meira.

Sábado — A Snr.^a D. Maria Eugénia de Pinho Martins Teixeira.

Domingo — As Snr.^{as} D. Maria Antonieta Nunes Hall Figueiredo, D. Maria Luísa Fortuna de Carvalho, os Snrs. Arnaldo Salazar, António Ferreira Miranda e o menino Jorge Manuel Q. de Sousa Basto.

Segunda — As Snr.^{as} D. Maria Henriqueta Fernandes de Sousa Faria, D. Maria Emília Landolt de Sousa, os Snrs. Dr. Agostinho Varanda Reis e P.^o Joaquim da Cunha Peixoto.

Terça — A Snr.^a D. Maria dos Prazeres Neiva Veloso e os Senhores António Faria da Silva e António Miranda da Silva.

Quarta — As Snr.^{as} D. Maria de Lourdes Matos Viana Lopes Correia, D. Maria Berta de Castro Ferreira e os Snrs. António Carvalho de Figueiredo e Amadeu Pedras.

Conselho Municipal

O Conselho Municipal para o quadriénio 1955-58 e que elegerá, no próximo dia 25 do corrente, os vereadores para igual período, é constituído pelos seguintes Snrs.:

António Vasconcelos do Vale, Fernando Gomes de Amorim, José Pimenta do Vale e Leonardo Gaspar da Costa, respectivamente pelas Juntas de Freguesia de Areias S. Vicente, Tregosa, Barcelinhos e S. Romão da Ucha; Dr. Mário Norton, pela Santa Casa da Misericórdia; Dr. Alexandre Sá Carneiro, pela Ordem dos Advogados; António Gomes de Faria e Salvador Martins Ballester Crespo, pelos Sindicatos Nacionais; Dr. José da Graça Faria Júnior e José Gomes de Sousa, pelas Casas do Povo; Dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas Boas, pelo Grémio da Lavoura; João de Sousa e Silva, pelo Grémio do Comércio.

Como no anterior Conselho Municipal, o que é de lamentar, o representante da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, sede do Concelho, não faz parte do mesmo.

O saboroso CAFÉ da **Cafezeira de Barcelos**

já não tem rival.

É realmente o melhor!

CARTAZ

do «Jornal de Barcelos»

CINEMA

Hoje, às 21,50, será exibida a espirotuosa comédia do mais delicioso bom humor:

O PROFESSOR E A CORISTA

Um filme arrebatador, atraente e divertido. Em technicolor. Um programa da Sif, produção de Warner Bros, para maiores de 15 anos.

— No domingo, de tarde e à noite, a mais arrojada das super-produções, em technicolor:

AS MINAS DE SALOMÃO

A maior aventura dramática de todos os tempos, rodada inteiramente em África com os seus mil e um aspectos.

Um programa da Metro Goldwyn Mayer com o Novo Jornal de Actualidades e Imagens de Portugal. Espectáculo também para maiores de 15 anos de idade.

Reunião Dominicana

No próximo domingo, no fim da missa das 9 horas, no Templo do Senhor da Cruz, terá lugar a reunião dos Irmãos da Ordem Terceira de S. Domingos. Preside o Director da Fraternidade Sr. Padre Alberto da Rocha Martins que fará uma alocução.

Mocidade Portuguesa

No próximo domingo recomeça a actividade da Mocidade Portuguesa.

Todos os filiados devem comparecer, de manhã, na sua sede, sita no Campo de S. José.

Lâmpadas a 4\$00 acabou de receber grande quantidade o

Armazém Esteves

CASA

Aluga-se na freguesia de S. Paio de Carvalhal à face da estrada da Franqueira com baixos próprios para oficina ou casa de negócio. Tratar em Carvalhal com o proprietário João da Silva Machado.

FALECIMENTOS

José Alves Pereira

Na freguesia de Abade do Neiva, na manhã do dia 10 do corrente, faleceu o Snr. José Alves Pereira, casado, de 39 anos de idade, apesar de lhe serem prestados todos os serviços clínicos tanto em casa como no Hospital desta cidade.

O saudoso extinto era irmão dos nossos amigos Snrs. Manuel e António Alves Pereira, considerados comerciantes desta cidade.

As nossas sentidas condolências a toda a família enlutada.

D. Deolinda Torres de Albuquerque Rebelo

Em S. Julião de Freixo, Concelho de Ponte de Lima, faleceu no pretérito dia 12, vítima de prolongada doença, a Snr.^a D. Deolinda Torres de Albuquerque Rebelo, de 68 anos, esposa dedicada do Senhor Carlos Dias Rebelo, comerciante e proprietário nesta localidade. Era mãe das Sr.^{as} D. Maria Torres Rebelo, D. Sofia Torres Rebelo e do Snr. António Torres Rebelo, residente em Lisboa.

A extinta deixa muitas saudades em todas as pessoas que com ela conviveram, pois foi sempre dum carácter íntegro e dum coração simples e carinhoso.

O funeral foi uma vibrante manifestação de pesar, tantas as pessoas amigas e das suas relações nele se incorporaram. A toda a família enlutada, e em especial ao viúvo, *Jornal de Barcelos*, apresenta sentidas condolências.

José Alves Pinheiro

Agradecimento e missa do 30.º dia

A família de José Alves Pinheiro, profundamente sensibilizada, agradece publicamente a todas as pessoas que se dignaram incorporar no funeral do saudoso extinto e participa que a missa do 30.º dia tem lugar na próxima segunda-feira, 22 do corrente, na Igreja do Terço, às 7 horas, renovando o seu agradecimento às pessoas que assistirem a este piedoso acto.

Barcelos, 16 de Novembro-1954.

Salpicão de Vila Real

Línguas fumadas «ISIDORO» são especialidades da

Cafezeira de Barcelos
Telefone 8410

Conselho Municipal e Eleição da Câmara Municipal para o quadriénio de 1955-1958

CONVOCAÇÃO

FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO TORRES, Vice-Presidente, em exercício, da Câmara Municipal do Concelho de Barcelos:

Convoco, nos termos do n.º 7.º do art.º 79.º e do art.º 28.º, ambos do Código Administrativo, os Ex.^{mos} Vogais do Conselho Municipal eleitos ou designados para o quadriénio de 1955-1958, a fim de se efectuar a reunião constitutiva do referido órgão de administração municipal, que terá lugar no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, e na qual se procederá ao seguinte:

- a) — Verificação de poderes dos Vogais do Conselho Municipal;
- b) — Eleição do secretário do referido órgão de administração;
- c) — Eleição dos Vereadores da Câmara Municipal para o quadriénio de 1955-1958.

A eleição dos Vereadores da Câmara Municipal far-se-á nos termos do § 3.º do referido artigo 28.º do Código Administrativo.

Paços do Concelho de Barcelos, 16 de Novembro de 1954.

O VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL, em exercício,

a) *Francisco José Monteiro Torres*

Tinturaria Porto

Filial: Rua Barjona de Freitas, 9 - BARCELOS

Deseja V. Ex.^a andar impecavelmente vestido? Entregue as suas roupas aos cuidados técnicos desta tinturaria que as renovará por uma importância insignificante.

Tem a sua sede na Póvoa de Varzim e filiais em Vila do Conde, Maia, Santo Tirso, Porto e Esposende.



NOTA DA QUINZENA

Faz um ano que o *Jornal de Barcelos* começou a publicar estas NOTAS. Bem ou mal redigidas, elas tem tido um fim, apenas: clamar em defesa da lavoura.

Não sabíamos que os processos em uso nos países, tidos como mais adelantados, vinham ao encontro, precisamente, da nossa maneira de pensar, na remoção dos males que a afligem e que fazem dela a cantada arte de empobrecer olegremente. Soubemo-lo pela pena brilhante do Prof. Doutor José Carvalho Arieiro, nas suas *Cartas da Alemanha*, vindas a lume no «Diário do Minho».

No 1.º aniversário desta secção, e, mediante as citadas *Cartas*, vamos comparar, recapitulando passagens, o que cá é teoria do autor das *Notas*, e lá, é prática dum povo valente. Abstido de tudo quanto não signifique dedicação à lavoura e aos seus humildes serventes, com a devida vénia, comecemos, para concluir semelhança de ideias e dessemelhança de práticas.

Diz a VI *Carta*, inserta no n.º 11.080, do citado Diário:

«Os grêmios encarregam-se de comprar todos os géneros por preços legais».

Na *Nota* publicada em 9-9-54, alvitando um organismo oficial, receptor de excessos, ou não, a troco de moeda que correria para a lavoura, escrevemos:

«Claro que ia repugnar ao funcionalismo dum Grémio (se o caso fosse com ele) receber pagamentos em vinho, milho e batatas, e ter de lidar com canecas e razeira. Se o de... (o duma terra onde o empregado sumiu 150 contos) em vez de quotas de metal sonante, as tivesse em vinho, seria difícil gastar 130 contos desta bebida, sem que a policia notasse uma prolongada perua no defalcante. Poderia haver prejuizo na deterioração dos produtos? Era auxilio. De resto, quantos prejuizos na deterioração desvios, desfalques ou roubos descarados (depois desta escrita, mais outro de 300 contos, numa caixa agrícola) da moeda? E que auxilio vem para a lavoura?»

Continua a *Carta*:

... e desta forma, não há câmbios negros nem o perigo da oferta e da procura. Na mesma *Nota* escrevemos:

Em qualquer dos casos, o pagamento poderia, se as circunstâncias não permitissem melhor, ser feito em géneros. Sim, porque na aquisição do metal sonante é que está a desgraça do lavrador. Ele tem géneros, tem gado, mas não tem dinheiro, quando mais precisa. É a maré alta dos agiotas. Porque tem de entrar com a massa naqueles prazos, dá o vinho, o milho, o gado e, às vezes, as terras.

Na *Nota* de 24-4-54 escrevemos, falando em perigos de oferta:

É a (crise) da abundância em que os seus produtos não compensam o suor vertido no seu fabrico, e é a da carência em que eles podem ser requisitados por força de armas e da Lei (e para isso num momento se faz uma lei).

Ainda a *Carta*:

Se precisa de capital o grémio adianta-o a juro módico.

Na citada *Nota* de 9-9-54 escrevemos, alvitando quem financiasse a lavoura.

Ora, fundada a entidade auxiliadora (pouco importa que se lhe chame Grémio, Casa do Povo, Banco Agrícola, Caixa Agrícola) nele poderia investir-se tanto dinheiro encofrado, acrescido dum fundo de auxilio (não de negócio) e o lavrador valer-se-ia dele, como já referimos.

Mas, já na *Nota* de 1-7-54 havíamos escrito:

Um processo novo que fosse muito além de cobrar quotas, aplicar multas e empregar inaptos; um estudo consciencioso, uma simplificação de trâmites, a criação dum banco agrícola, onde os empréstimos fugissem a despesas inúteis, à careza da agiotagem e à complicação das vias, traria considerável melhoria à lavoura. A conta correria sem papelada obtusa e cara, sem prazos de afogar, sem juro de atralhar, sem selos, sem escribas, sem intermediários.

E as garantias seriam as mesmas das contribuições ao Estado. E ela (a lavoura) pagava, porque também paga a décima, o grémio...

Na *Nota* de 9-9-54 escrevemos também:

É o negócio seria outro, se, nesses apuros (os de realizar metal sonante com que paga a décima, o Grémio, a Casa do Povo, o imposto de trabalho, o do carro de bois, o dos bois, o da carroça... os gastos da mercearia, da farmácia... o avental, os socos, as chancas... a doença, a operação, o funeral, a defesa do nome honrado, das courelas, do fio de água; nota de 1-7-54) o lavrador tivesse quem, dum modo rápido, fácil e económico, lhe valesse. Ele pagaria, mesmo em géneros, se doutro modo não pudesse, que abasteceriam os povoados, os organismos do Estado (cadeias, escolas, patronatos, hospitais, manicómios e quartéis) acabando duma vez com negociatas, por ventura existentes, por detrás da economias dessas casas.

Diz a *Carta*:

Em razão das sábios medidas adoptadas pelo governo (de que já falamos) desenvolveu-se extraordinariamente a produção dos gados e dos géneros alimentícios.

Em *Nota* publicada no n.º 238 do *Jornal* citado, contamos a história do Quim, um rapaz que fez uma coisa como uma padiola com o nome de carro, a que atrelou uma vaca, para a qual nós fornecemos um cepo, a figurar de jugo, com que se propõe trabalhar uma territa. Mas, possivelmente, em horas mais criticas ou num esforço de mais gaz, lá se emparelhou com o bicho (salvo sua pessoa) o fiscal viu e lá foi o imposto de trabalho de 11\$ para 50\$. Como achasse o «merrei» puxado, pregamos-lhe que... lei era lei e o auxilio à lavoura era história.

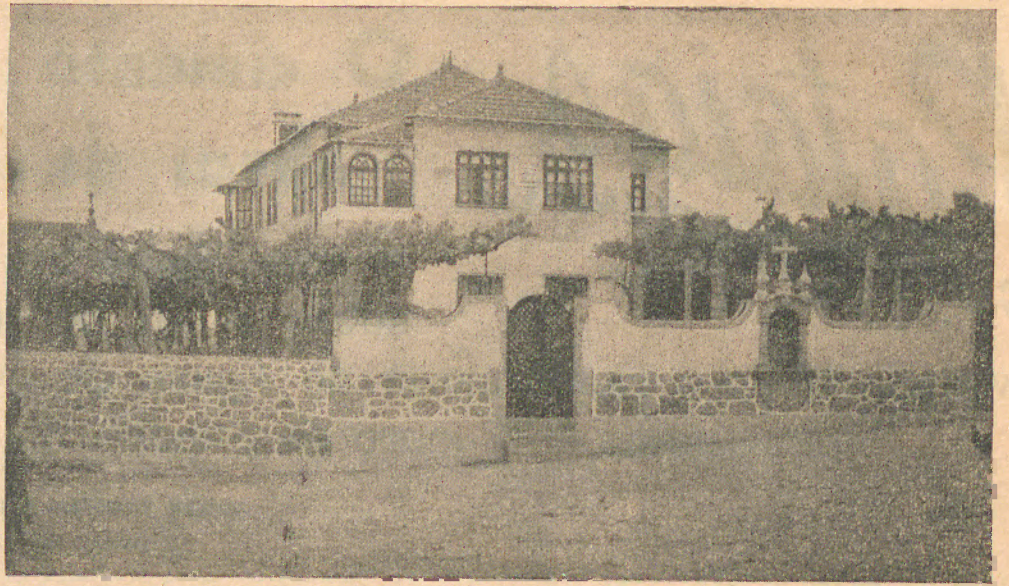
Em comparação flagrante, segue o que o ilustre Professor escreveu na V *Carta*:

Em 1953 estavam ao serviço da lavoura 300.000 (trezentos mil) tractores e 2.500 (duas mil e quinhentas) sejeadeiras e debulhadoras. Os entre parêntesis são nossos.

Na *Nota* de 6-5-54, entre o mais, escrevemos, depois de referir a subida de dez escudos em saca de superfosfato dezoito, e de relacionarmos a lavoura desportiva (a feita por recreação, pelos senhores da cidade ou do funcionalismo alto) com a lavoura profissional (a arte de empobrecer, a actividade de que todos fogem, a última escala de cotação social, do mais baixo modo de vida, do mais incómodo, do mais incerto, do mais inculto, do mais inseguro; daquele que não tem horários; nem salários mínimos, nem caixas de abono, nem ajudas de custas, nem pensões à velhice, nem abonos à filharada, nem assistência, e até nem crédito sem nele comprometer, bem desvalorizadas numa ruinosa hipoteca, as terricas, courelas, leiros ou mansardas; aquela lavoura de que faz parte o «Zê» o pacóvio, o parolo, o incivil, o labrosta que calça chancas ou anda descalço, veste cotim ou anda rasgado, trabalha por vinho e bebe água, cria gado e come couves escaldadas, que semeia milho e nem sempre tem pão na mesa (Nota de 24-4-54) escrevemos:

Ele (o lavrador) julga que a esses produtos de tanta necessidade (adubos e apeirias) deveriam tirar-se-lhe todas as peias de fabricação. Se fosse preciso, isentá-los de tributos; se não bastasse, subsidiá-los ofi-

(Continua na página 5)



Nova residência paroquial de Fornelos

Fornelos, 17

Fez um ano no passado dia oito que Fornelos teve a 1.ª missa celebrada pelo novo pároco P.º Ernesto Magalhães, o qual, na manhã nevoenta desse Domingo, inesperadamente entrava a pastorear a freguesia.

Se é uma graça de Deus a existência de pároco próprio numa pa-

róquia, em Fornelos foi uma graça especial a agradecer a Deus e a S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz.

Fornelos tem 140 fogos, não tem altos nem baixos topográficos. Isto não significa que seja uma terra isenta de complicações, caprichos e brios, com letra grande. Não tem comércio ou indústrias que lhe adornem a fachada, ar-

tes ou officios que lhe estabilizem a economia. Mas tem um par de bons lavradores que, de sol a sol, grangeiam o pão de cada dia. Esta é a sua ocupação mais comum. Fornelos tem uma série de problemas que, a serem resolvidos no ritmo com que trabalhou durante um ano, seriam, em breve, casos arrumados. O *Jornal* não os resolve, e nós, apenas os citamos. Um quilómetro de bom caminho, mas que agora é um rio de lama, dá-nos acesso à estrada nacional. Saltando pocinhas, é o modo comum do caminhar, para os fornenses. Também a luz virá às suas portas, mas o povo está um pouco esgotado. O esgotamento vem-lhe dum conjunto de «sangrias» para levantar a sua residência paroquial. Ela, um nó górdio, sem carecer dum Alexandre para o cortar, está em pé e com dois merecimentos que crítica nenhuma desfará:

Feita com dinheiro apenas das suas magras carteiras, e feita em seis meses.

O trabalho foi muito, a despesa grande, o sacrificio que a todos chegou, bem pesado. Dias houve, dum verdadeiro entusiasmo, dias em que a pedra, o barro, o cimento, a cal, as vigas, os caibros, a telha, o tijolo, os tubos, os ferros, os esteios, o arame e os carros atulhavam o passal, numa feira dos demónios.

E nesta feira, o pároco se ia entendendo com os diversos artista que, dispoendo, assentando, pregando, dividindo, enchendo, pintando e retocando a fizeram subir, a olhos vistos.

Mirones passavam e diziam de sua justiça: alta, baixa, grande, pequena, cara, barata. Esta «justiça» provocava riso, recordando o que um saudosos Professor de Braga, Dr. Insuelas, costumava dizer do valor da critica a quem trabalha:

Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou,
Uns dizem que safu baixa,
Outros, que de alta passou.

Às vezes a «justiça» também picava, e o entusiasmo de quem dirigia não estava sempre em cima. Valiam dezassete elementos convocados para a comissão de construção, no sector mais difícil: manter a união no arranjo dos «quibus», da massa. Trabalho grande e digno de muito louvor. Riscar, quenquer risca, mandar, quenquer manda (às vezes é o que mais há). Porém, no fim dum serviço, o que contou foi o seu financiamento, sobretudo quando feito por cotizações de pobres e remediados em que cada um acha muito para si e pouco para o vizinho.

Atentas as circunstâncias da massa, do local, do tempo (Janeiro a Julho) do tamanho da obra (rematada de tudo, com água canalizada, sanitárias, esgotos, viveiros e urbanização) seis meses constituiram uma irrefutável maratona.

A prova está à vista e foi testemunhada por inúmero público que veio à sua inauguração e pelas distintas pessoas que, a começar por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo, honraram Fornelos com a gentileza da sua comparência.

Um ano volvido e Fornelos tomou um aspecto novo. A sua igre-



De cima e da esquerda:

Artur Sacra, António S. Pereira, Rodrigues Vinhas, José S. Carvalho, Manuel Miranda, Hermínio Miranda, Angelino Mandim, João Baptista Rodrigues, Daniel G. da Silva, Paulino Pena, Virgílio Pena, Firmino Pena, Hilário Mota, Adelino Fontes, Delfim Gomes, Manuel Rodrigues e Avellino Machado.

Redacção e Administração:

Rua D. António Barroso, 42-44

TELEFONES 8351 e 8451

Jornal de Barcelos

Composto e Impresso:

Tipografia «Vitória»

BARCELOS — Tel. 8428

Política de Aproximação e Firmeza

A visita do Marechal Papagos e a grave questão da Índia vieram dar à política externa portuguesa dos últimos meses duas notas de intensa significação e do maior alcance para um entendimento exacto do que valemos perante a opinião internacional.

A visita do Presidente do Conselho de Ministros helénico, pelas afirmações a que deu ensejo e pela lhaneza da recepção a que deu azo, veio mostrar à nobre nação grega, que tem no seu Chefe do Governo o cidadão mais indicado para manifestar-se sobre outro País, o lugar e a situação a que com sacrifícios e trabalhos nos guindou uma política e um regime definitivamente consagrados.

Falando do Doutor Salazar disse, durante o banquete em sua honra no Palácio de Queluz, o Marechal Papagos: «Apenas homenagens podemos prestar a Vossa Excelência pela obra milagrosa que tem levado a cabo e que lhe assegurou um prestígio imenso para além das fronteiras nacionais. Mercê da sua entrada na cena política a sua Pátria querida pôde reencontrar o seu caminho e avançar altivamente para os seus grandes destinos.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, soube guardar a sabedoria, o sentido das proporções e a prudência do filósofo, com a sua simplicidade e a sua sobriedade. Soube preservar a independência e liberdade de Portugal, que são neste momento tão indispensáveis a toda a Europa e ao Mundo civilizado, e soube fazer respeitar a neutralidade portuguesa durante a guerra, prestando assim grandes serviços à causa aliada.

Entramos na NATO para defender a civilização europeia, que recebemos de um único espírito, o da filosofia clássica e do cristianismo. O tempo em que as nações se batiam por causas suas e particulares está talvez ultrapassado para sempre. A comunidade de interesses, que é imposta pela evolução da vida no século da energia atómica, e a sua interdependência, são tais que nenhuma Nação, sobretudo entre as Nações europeias, poderia subtrair-se às necessidades imperiosas de união e de ajuda mútua, tanto no ponto de vista político como no económico.

Os problemas da segurança nacional não podem daqui em diante encontrar a sua solução senão paralelamente aos problemas internacionais. A sociedade moderna já não está em condições de assegurar a sua defesa pelos seus próprios meios mas apenas em colaboração com outros povos da mesma cultura e de interesses comuns».

Estas palavras, espalhadas através da Rádio e Imprensa gregas, hão-de percutir bem fundo no coração e na inteligência dos nossos amigos gregos e criar ali, onde foi o berço da civilização Ocidental, um especial ambiente de simpatia por esta faixa europeia que é Portugal, criador de novos mundos e pioneiro dessa cultura e civilização.

O Marechal Papagos acentuando que «a sociedade moderna já não está em condições de assegurar a sua defesa pelos seus próprios meios, mas apenas em colaboração com outros povos» faz, afinal, a confirmação da política segundo a qual, em Paris, o Prof. Paulo Cunha submeteu à apreciação do conselho da N. A. T. O. o diferendo luso-indiano.

Neste campo tem Portugal dado ao Mundo a maior lição de Direito Internacional e de segurança de política internacional dos últimos anos.

As simpatias, cooperação e apreço que temos grangeado em todo o mundo fizeram voltar a atenção para a forma lisa como resolvemos os nossos problemas, por mais intrincados que se afigurem ou sejam na realidade.

A. Boaventura

A Grécia e Portugal ao serviço da amizade entre os povos

(Continuação da 1.ª pág.)

O Marechal Papagos foi portador para os Senhores General Craveiro Lopes e Doutor Oliveira Salazar e aquelas, valiosíssimas também, com que o Chefe do Estado Português e os seus Ministros as retribuíram; e evidenciou-se, sobretudo, nas palavras com que o Snr. Presidente do Conselho encerrou o seu, como sempre, eloquente brinde, no banquete do Palácio Nacional de Queluz, nas que o grande estadista grego ditou à Imprensa na hora da partida e ainda nas dos telegramas que depois enviou ao Chefe do Governo Português, palavras, todas elas, que os próprios jornais de Atenas disseram depois que «mostraram a cordealidade e a estima mútua que reinaram entre os dirigentes dos dois países». Aliás, a Imprensa ateniense já havia afirmado antes que «as palavras de afecto e admiração para com a Grécia proferidas pelo Chefe do Governo Português produziram na Grécia profunda emoção»; e aquilo mesmo queria ainda significar, na quase fria linguagem oficial, a já citada nota do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros, ao dizer que «as conversações decorreram num espírito de franca cordealidade e compreensão recíprocas, de harmonia com a amizade tradicional das duas nações».

(Continua no próximo número)

Casa dos Rapazes

No passado sábado, dia 6 do corrente, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz de Braga, visitou as novas instalações da «Casa dos Rapazes», tendo ali tomado o pequeno almoço.

Sua Excelência Reverendíssima teceu os melhores elogios à Direcção, que se encontrava presente, e ofereceu à «Casa dos Rapazes» um valioso donativo, por reconhecer a grande utilidade desta oportuna instituição que só pode levar os seus efeitos avante, com a ajuda dos seus bemfeitores.

—)(—

Hospital da Misericórdia

No próximo domingo, está de serviço permanente, o Senhor Dr. José António Torres.

«Caros rapazes! Caras raparigas! Queridos meninos! Queridas meninas!

A vossa terra está cheia das mais abundantes e expressivas recordações patrióticas, marianas, missionárias. Lá no alto, a Senhora da Franqueira abençoando, há muitos séculos, a cidade e as aldeias, ao longe e ao largo; mais abaixo as ruínas do Castelo de Faria, «testemunha, no dizer de Herculano, de um dos mais heróicos feitos de corações portugueses»; ali, ao lado, o Paço dos Duques, memorial das nobrezas e altos pergaminhos desta donairoza Princesa do Cávado; aqui está a formosa e histórica Igreja Matriz, dedicada a Santa Maria Maior e padrão sagrado que evoca os tempos áureos da vossa Colegiada e documento lapidar que vos assegura do subido quilate da fé dos vossos maiores.

E todo este rico escrínio de exímias e altas virtudes e sagrado património que tendes herdado das gerações passadas, encontra-se aí cingido de uma apertada cintura de beneméritos institutos missionários, nascidos em boa hora do primeiro congresso mariano nacional que nos princípios de Setembro de 1931 tiveste a honra de celebrar nesta ridente cidade de Barcelos. Acolá, Arcozelo, com seu noviciado, místico alvorecer de almas missionárias; além, a Silva, com seu noviciado espiritano, pedras vivas dum grande edifício que já hoje enche o País de lés a lés e que no mundo católico ocupa, no campo missionário, o primeiro lugar; ali, mais perto, Santo António, onde o seráfico espírito de S. Francisco afeiçoa aquelas almas simples e poéticas como a do Santo Patriarca, para que na selva africana, em contacto com a natureza virgem, e com os lobos, melhor a compreendam e sejam compreendidos pelos corações infantis das populações de cor; mais adiante, o noviciado de S. João de Deus e além o de S. João Baptista de La Salle, que alfbres são também de outra qualidade de missionários destinados a trabalhar nos vastos e delicados campos da caridade; ali, no centro, medindo o espaço com o seu olhar de águia, mas bondoso e franco, o zeloso e previdente missionário, o inteligente patriota e Santo Bispo, vosso conterrâneo, que abençoa com a direita a sua terra, e, segurando com a esquerda o chapeu episcopal, descoberto, reza ao Senhor da Vinha para que mande muitos e santos e perseverantes rapazes, muitas e santas e perseverantes raparigas para os institutos missionários, a que os barcelenses dispensam, jubilosos, acolhedora pousada e acalentam no seu coração. Corações ao alto! Lançai os vossos olhos para essa imensa seara, que por toda a parte se mostra loira e pronta para a colheita. Para essa África imensa de 127 milhões de almas, das quais só 12 milhões são católicas!»

(Palavras do Senhor Arcebispo Primaz, na missa celebrada na Igreja Matriz no Dia da Juventude e dos Organismos da Acção Católica).

Baptizado

Na igreja Matriz, na última sexta-feira, realizou-se o baptizado duma filhinha do nosso prezado amigo Snr. Dr. José Rodrigues Fernandes, Director do Colégio D. António Barroso e da Snr.ª D. Maria Fernanda Vasconcelos Fernandes.

A neófita recebeu o nome de Clara Maria e serviram de padrinhos a Snr.ª D. Maria

«Correio do Minho»

Transcreveu este brilhante diário de Braga o artigo «Uma Campanha Patriótica» do nosso brilhante colaborador Dr. Marino de Carvalho.

Isolete Martins de Vasconcelos Bandeira e Lemos, tia materna e Snr. P.º José da Silva, pároco de Riodades, diocese de Lamego, primo paterno.

CONVITE

Muito franzino, débil, doente,
O lindo pequenito, perguntou:

— Ia tombando, ao longe, o sol poente... —

«O Menino Jesus, sempre chegou?!...»

Os olhos lacrimosos, longamente,
Na compungida mãe, triste, fitou...
Rezaram, comovidos, cristãmente,
A noite, de mansinho, dominou...

Aos primeiros vislumbres do luar,
Num sereno e terníssimo falar,
Disse Jesus, de modo cativante:

«Anda comigo, venho-te buscar...
É tempo, não me faças demorar,
E vamos, juntos, para o Céu distante...»

Arnaldo de Azevedo Pinto

Amor de Deus...

Amor do Próximo...

(Continuação da página 1)

receu a cruz na carência de bens deste mundo.

Quantos destes são verdadeiramente ricos daquelas bens que, na frase escriturística, nem a ferrugem come nem o tempo é capaz de destruir.

Quantos desses pobrezi-nhos, tão simples e tão meigos, que atravessam os ca-

minhos das nossas aldeias ou cruzam as ruas da nossa cidade, são milionários da paz, do bem estar com Deus e com os homens!... Benedita pobreza abraçada por Cristo e semeada no mundo em tantas figuras que nos recordam o doce e poético Francisco de Assis!

Amemos a pobreza para a sentir e, também, para a socorrer nos pobrezi-nhos nossos irmãos.

Visado pela Censura